



Artigos/Articles

O Twitter como lócus de performances dissidentes de feminilidade

Twitter as the locus of dissident performances of femininity

Luciana Lins Rocha¹

RESUMO

A partir da participação na rede social Twitter, analisam-se as performances discursivas dissidentes de gênero e sexualidade ali encenadas por adolescentes e jovens mulheres. Este estudo, portanto, caracteriza-se como uma etnografia na internet, situada no campo da linguística queer. Entendendo que a linguagem é social e política, analisa-se como essas meninas e jovens adentram disputas discursivas sobre o conceito de feminilidade naturalizado pela matriz heterossexual, conforme definida por Butler. As maneiras dissidentes como performam seus desejos e afetos colocam em xeque o limite para elas imposto dentro dessa matriz de inteligibilidade humana, indicando que a internet pode ser um lugar de desafiar normas regulatórias e (re)desenhar quem somos ou podemos ser.

| **Palavras-Chave:** etnografia na internet, linguística queer, twitter, performances.

ABSTRACT

By means of participating in the Twitter social network, we analyze outcast gender and sexuality discursive performances enacted by teenagers and young women in that network. This study, therefore, is characterized as an ethnography on the internet, situated at the field of queer linguistics. Regarding language as social and political, we analyze how these girls and young women enter discursive disputes about the concept of femininity naturalized by the heterosexual matrix as defined by Butler. The outcast manners in which they

¹ Colégio Pedro II – CP2. ORCID. <https://orcid.org/0000-0002-1253-8129> Email: lulinsrocha@hotmail.com

perform their desires and affections put at risk the boundaries imposed on them inside that human intelligibility matrix, indicating that the web can be a site for defying regulatory norms and (re)designing who we are or who we may become.

| **Keywords:** *ethnography on the internet, queer linguistics, Twitter, performances.*

1. Introdução

Por meio de um e-mail, informo a uma de minhas turmas que a apresentação de trabalho pendente ficaria transferida da data prevista para a semana seguinte em decorrência de uma greve de caminhoneiros, greve essa que fora iniciada via aplicativo de envio de mensagens pela internet. Segundos depois, uma das integrantes do grupo me envia uma mensagem direta via rede social concordando com a proposta. Instantaneamente a respondo com um emoji, já que a notificação da referida mensagem fez vibrar meu smartphone, que está sempre por perto, essa nova extensão do corpo.

O breve relato anterior é um exemplo de como a vida conectada é uma realidade em grandes centros urbanos. Estabelecimentos comerciais, instituições de ensino, hospitais e até mesmo localidades a céu aberto definidas como “hotspots” nas cidades oferecem acesso à internet por wi-fi. Muito mais do que o acesso à informação que circula na rede global, a onipresença da internet possibilita que as pessoas se engajem em práticas das mais diversas nesse universo conectado, que hoje já não permite mais a delimitação de fronteiras entre on e offline (Hine, 2015; Da Silva Espíndola, 2017). A internet de banda larga e nossos aparelhos com acesso rápido a ela desfizeram o “entrar na internet” como um evento à parte: estamos o tempo todo na rede, e nos apresentando e relacionando com as outras pessoas de modos diferentes ali.

Como participante de redes sociais e professora de Ensino Médio, há algum tempo tenho praticado a comunicação por essas redes sociais com alunxs. Desde 2014 tenho desenvolvido uma presença maior no *Twitter* por perceber que ali essxs alunxs estão o tempo todo, e de uma maneira muito especial. Inicialmente me interessava a rapidez com que recados poderiam ser dados, mas com o uso cada vez mais frequente, e com interesse de pesquisa de minhas alunas de iniciação científica júnior em 2017 nessa rede social, comecei a observar como as meninas encenavam performances muito particulares de feminilidade, subvertendo o que a matriz heterossexual define para elas.

Assim sendo, o objetivo deste capítulo é analisar performances de gênero e sexualidade de adolescentes na internet, tomando por norte a seguinte questão de pesquisa: *como jovens mulheres se constituem de modos generificados e sexualizados na internet por meio da participação na rede social twitter?* Ancorada em princípios da linguística queer, procuro observar os modos pelos quais essas meninas se constituem, na linguagem empregada em suas

postagens, como mulheres não definidas pelos comportamentos esperados delas segundo a matriz heterossexual. O fato de suas famílias não participarem da rede social Twitter favorece a liberdade discursiva de que necessitam para se engajar em performances dissidentes de feminilidade, expressando-se como lésbicas, bissexuais ou heterossexuais que agem de maneira muito próxima às performances tradicionalmente esperadas de homens.

Este capítulo se apresenta em quatro partes: a primeira busca contextualizar o estudo, destacando algumas particularidades do funcionamento da rede social onde ele se realizou. Em seguida, apresentam-se alguns conceitos que norteiam a compreensão sobre gênero e sexualidade aqui presente. Nessa mesma seção, situa-se este estudo na linguística queer, pelo seu enfoque nas maneiras possíveis de se constituir sexualmente na linguagem, abrindo possibilidades para a contestação de lugares naturalizados para o desejo e o afeto. A terceira seção discute as performances insurretas de gênero e sexualidade de meninas na rede social em tela, apresentando a internet como um lugar não apenas de redefinir quem somos, como também de fazer política e resistência. Por fim, algumas considerações finais são desenvolvidas sobre a contribuição deste capítulo para a pesquisa na internet, em especial no que tange às possibilidades de nos reinventarmos na rede.

2. Twitter: a rede pública sigilosa?

O Twitter foi inicialmente concebido para divulgar notícias. Entretanto, muitas pessoas começaram a usar essa rede social como forma de expressão pessoal, comentando desde futilidades a opiniões sobre geopolítica. Quando algo é tuitado, ou seja, postado na rede, há a possibilidade de curtir ou retuitar, isto é, replicar exatamente como apareceu, dando créditos a quem tuitou antes. Há também nessa rede, assim como em muitas outras, o serviço de mensagens instantâneas privadas.

Diferentemente do Facebook, em que as configurações de privacidade são bastante elaboradas, no twitter a única possibilidade de restrição é quando se bloqueia alguém, então essa pessoa não consegue mais ler os tuites de quem a bloqueou, recebendo uma mensagem sobre o bloqueio ao tentar acessar o perfil de quem restringiu o acesso. Alguns poucos perfis podem apresentar proteção, indicada por um ícone de cadeado ao lado do nome, o que significa que apenas quem segue a pessoa pode ter acesso ao que ela publica. Porém, proteger o perfil impede a retuitada das postagens, então são poucos os perfis nessa condição, já que os retuites em grande número indicam certo status dentro dessa rede, bem como as curtidas numerosas.

Uma particularidade dessa rede social é a grande participação de adolescentes, a ponto de vez ou outra surgir a preocupação com algum tuíte que foi “printado”, ou seja, fotografado na tela do celular ou computador, e viralizou

no Facebook, onde a família dx autorx pode ter acesso a ele. Curiosamente, o Twitter tem, pela sua forma de concepção e pelas configurações dela decorrentes, uma característica de funcionar de maneira mais pública que o Facebook. No entanto, para as jovens observadas neste estudo, a rede onde haveria mais privacidade é onde elas se mostram em performances que podem ser públicas (Facebook), pois ali há familiares e amigxs da família que talvez não possam ter acesso às performances encenadas no Twitter:



Fonte: Dados da pesquisadora

Desse modo, o Twitter, por princípio mais público que o Facebook, é usado como privado pelas jovens. O que a família pode ver vai para o Facebook, o que não pode vai para o Twitter. É interessante perceber como a fluidez da distinção entre estar e não estar conectada se ressignifica no uso que essas jovens fazem do Twitter: ali encenam a persona conectada que, para suas famílias, simplesmente não existe na rede. Ou seja, apesar de se mostrarem na internet, ali, naquela rede social, estão inacessíveis para quem não interessa.

Se esses perfis desafiadores da matriz heterossexual são ocultos dxs adultxs, como então eu tive acesso a eles? Como consegui acesso a essas personas inacessíveis? Em 2015, eu e mais duas colegas de sociologia iniciamos o Grupo de Estudos da Diversidade de Gênero, que desde então realiza intervenções e eventos no Instituto Federal de Educação onde atuo. Além

disso, minhas turmas conhecem meu posicionamento com relação ao processo de ensino-aprendizagem, especialmente no que tange à avaliação e às práticas docentes. Tal posicionamento é exposto no twitter com frequência, o que me fez ganhar seguidorxs que sequer conheço, mas que são alunxs do instituto de outros campi (em 25/07/2018, meu perfil contava com 427 seguidorxs, quase todxs alunxs). Tais questões parecem ter feito com que se estabelecesse certa confiança que me concedeu livre circulação na rede social onde performances de gênero e sexualidade das mais variadas se apresentam frequentemente.

Para as jovens que são foco deste estudo, o Twitter é o ambiente público sem olhares de vigilância da família, assim como se pode dizer que é a escola. Elas passam de 5 a 11 horas na instituição (algumas vezes as turmas têm aulas no contraturno), sem a presença ou o olhar de responsáveis. O Twitter, portanto, parece ser uma extensão intensificada das performances que se sentem livres a realizar na escola.

Todos os tuites aqui analisados foram printados de perfis não protegidos, ou seja, são oriundos de perfis públicos, entre maio e julho de 2018. Muitas das meninas são ou foram minhas alunas, e aquelas que não conheço se apresentam nos seus perfis como meninas. Seus nomes serão omitidos, bem como as imagens de perfil, a fim de evitar a identificação de autoria. Apesar de, em tese, os perfis serem públicos, pelos princípios de pesquisa e pelo uso que elas fazem dessa rede social, entendo que é antiético divulgar seus nomes e fotos.

Este trabalho se constitui, assim, como uma etnografia na internet (Hine, 2015, Guimarães, 2014; Da Silva Espíndola, 2017). Há 6 anos circulo na rede social em foco, com uma presença constante e ativa. Ainda que a observação das ações das jovens em outra rede social tenha possibilitado algumas reflexões aqui apresentadas, não serão analisados os perfis fora do Twitter. Interessa-me principalmente a constituição discursiva de corpos, afetos e desejos ali apresentada na linguagem.

A onipresença da rede mundial de computadores, mesmo não sendo completamente acessível a todas as pessoas, como já apontado anteriormente, é uma realidade em centros urbanos. A internet de hoje favorece a participação ininterrupta em redes sociais, onde podemos nos apresentar e constituir de diferentes (e inusitadas) maneiras. Ela também é o lugar de livre circulação de preconceitos, mas ao mesmo tempo se mostra como o lugar de resistência e política. A pesquisa na internet se apresenta, segundo Hine (2015), como uma possibilidade de compreender de que maneiras nos conformamos ou desafiamos as normas sociais, ou ainda como a internet pode nos ajudar a sermos nós mesmxs de maneira melhor. Essa visão sobre a pesquisa na internet se alinha a uma compreensão do papel político da pesquisa, assumindo o compromisso de possibilitar a reinvenção de futuros (Moita Lopes, 2009). A essa

visão sobre a pesquisa, e especificamente a pesquisa na internet, este trabalho se alinha.

3- Bela, recatada e do lar? Gênero e sexualidade como performances

A verdade sobre nosso sexo se define desde muito cedo. Antes do nascimento já somos meninas ou meninos, e um universo de comportamentos, desejos, afetos e modos de falar nos são apresentados como naturais e atrelados às genitálias. Meninas devem ser discretas, doces, emotivas, maternais, entender que seu espaço é o lar, o doméstico, devem “dar-se ao respeito”. Meninos devem ser rudes, agressivos, desbocados, não choram e aprendem que seu espaço é a rua, o público.

Além desses modos de agir, a naturalização de afetos e desejos pelo sexo oposto é desde a infância apresentada como natural. Meninos muito pequenos são ensinados por seus familiares que devem ter “namoradinhAs”, algumas vezes até ensinam que ver pornografia faz parte de se tornar homem. A masculinidade hegemônica, isto é, um conjunto de performances naturalizadas como típicas de homens e que eles precisariam seguir para serem enquadrados nessa categoria (Moita Lopes, 2006a, b, c), é a eles imposta desde o nascimento, definindo como devem agir para que sejam socialmente lidos como homens de verdade.

Já às meninas se ensina que devem seguir o exemplo de Marcela Temer, conforme indicado pela Revista Veja em 2016: ser “bela recatada e do lar²”, ou seja, cuidar da aparência para ser desejada por homens, mas não ser vulgar, mantendo-se discreta e no espaço doméstico. O final do referido artigo cita trecho de um poema escrito por Michel Temer, no qual ele descreve o que parece uma relação sexual com a esposa, e a revista conclui afirmando que ele é um homem de sorte. Nesse exemplo temos a mídia apenas apresentando o que se naturalizou por séculos de repetição. Mulheres não devem falar abertamente sobre seus desejos, demonstrar interesse sexual e nem expor o corpo. Homens podem falar sobre sexo, e não só estão autorizados como precisam falar disso com frequência para serem entendidos como homens.

Tais modos de ser são resultado de discursos que foram repetidos por séculos até tomarem aparência de fato natural, como indica Judith Butler. Segundo a autora, essas fábulas sobre gênero advêm da “matriz heterossexual” (Butler (2007 [1990], p.24), que se constitui como uma matriz de inteligibilidade, pois reconhecemos como humanos os corpos que se enquadram nas normas regulatórias dessa matriz. Tais normas indicam que a genitália define o modo como a pessoa deve se apresentar às outras e se relacionar sexual e afetivamente. No caso de corpos com vagina, esse órgão indica que aquela

² <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/> publicado em 18/04/16

pessoa é uma mulher e a obriga a exibir certa aparência e comportamento de acordo com padrões de feminilidade, padrões esses que se resumem ao título da reportagem anteriormente mencionada (“Bela, recatada e do lar”). É nas relações legitimadas pela matriz heterossexual entre gênero, desejo e prática sexual que alguém pode ser reconhecido como pessoa, e para ter algum grau de humanidade aos olhos dos outros é preciso agir de acordo com certos padrões repetidos à exaustão, em especial com relação àquilo que se faz com o corpo e a sexualidade (Butler, *ibidem*, p. xxiii).

A matriz heterossexual acaba por impor sofrimento não somente a quem que não se identifica com a heterossexualidade, mas a todas as pessoas, pois todos têm seus comportamentos vigiados e controlados pelo privilégio heteronormativo concedido a quem se adequa a cada detalhe dessa matriz. No entanto, para aquelas pessoas que ousam desafiar o seu pilar mais sagrado e se interessam por corpos que apresentam a mesma genitália que a sua, a situação parece se agravar. Como indicam Silva *et al* (2016, p.153), “ainda hoje, a maioria das pessoas não admite a possibilidade de problematizar as formas hegemônicas de sexualidade, assim como muitas e muitos não estão confortáveis em terem suas subjetividades situadas em relação a formas não hegemônicas.” As sedimentações e naturalizações no que concerne a gênero e sexualidade são potentes demais, e desafiam-nas em seu preço (Moita Lopes, 2008). Não é de se espantar que as jovens observadas no twitter tenham escolhido justamente a rede social onde não há familiares para encenar suas performances dissidentes.

Desmontar a naturalização de discursos acerca de gênero e sexualidade se apresenta como uma possibilidade de potencializar vidas e futuros. Se as generificações e sexualizações pelas quais (muitas vezes compulsoriamente) passamos são fruto de discursos que sustentam uma biopolítica nefasta de hierarquização de vidas, uma compreensão sobre gênero e sexualidade como performances se faz importante e mais responsiva à mitigação do sofrimento humano, o que deve ser o foco de qualquer pesquisa.

Apresentar gêneros e sexualidades como performances significa entender que não existimos antes de nossas ações e discursos (Butler, 1997; Pennycook, 2007), não haveria uma essência natural que orientasse nossos modos de ser:

Não é possível portanto revelar a essência de como são as identidades gay, lésbica, hetero ou outras e não há destino sexual definido nem definitivo para ninguém. Entretanto, não se quer dizer com isso que as pessoas não possam escolher projetos identitários sexuais particulares por todos os tipos de razões, inclusive políticas. A sexualidade é, pois, dinâmica, o que implica que podemos construir diferentes objetos de desejo em diferentes períodos da vida ou em práticas discursivas diferentes: podemos nos posicionar diferentemente por meio da performance de identidades sexuais diferentes.

(Moita Lopes, 2006a, p.33)

A perspectiva sobre gênero e sexualidade como performances aponta para a centralidade da linguagem na constituição de quem somos. Somos seres que precisam da linguagem para existir (Butler, 1997 e 2009), então é nela que se desenham e perpetuam privilégios e desqualificações quanto a vidas que podem ser vividas ou vidas que sequer são consideradas humanas. Se não há essência definida biologicamente para quem somos, se nos fazemos na performance, é necessário entender que quem tem direito a ser ou não ser teve esse privilégio definido discursivamente, e que os discursos que determinam quais vidas são legítimas com base nas práticas sexuais ou numa suposta verdade biológica são primordialmente biopolíticos.

Por compreender que a linguagem é o lugar de nos constituirmos como seres genericados e sexualizados e que não há fato natural que defina identidade de gênero ou sexual, este trabalho se apresenta como um exercício de linguística queer, abordagem que, nas palavras de Borba (2015, p.91),

centra suas atenções na investigação das relações entre linguagem e sexualidade a partir de um arcabouço teórico-metodológico proveniente da teoria queer (Butler, 1990, 1999, 2003; Jagose, 1996; Preciado, 2000). A linguística queer segue uma perspectiva não essencialista das identidades sexuais e argumenta que, em vez de uma realidade pré-discursiva, essas identidades emergem de contextos socioculturais de regulação e só podem ser entendidas como produtos/efeitos de performances corporais e linguísticas que repetem, reiteram ou subvertem discursos dominantes que trancafiam as posições de sujeito em binarismos, como homem/mulher, hetero/homo.

Ao observar comportamentos dissidentes acerca de gênero e sexualidade de jovens na rede social Twitter, fica em evidência a investigação das relações entre linguagem e sexualidade, considerando disputas de poder engendradas no discurso pela matriz heterossexual e pelo privilégio concedido a ela aos homens cisgênero brancos de classe média. Os modos desafiadores como essas jovens se apresentam na internet indica uma possibilidade de fissura nos discursos naturalizados sobre gênero e sexualidade, indicando que seu movimento discursivo contesta esse privilégio, como será observado na próxima seção.

4- Entre lésbicas, bissexuais e safadinhas: subvertendo a matriz heterossexual

A compreensão sobre gêneros e sexualidades como performances é tributária de contestações das teorias queer, que reivindicam o abalo a institucionalizações que hierarquizam e causam sofrimento (Jagose, 1996; Sullivan, 2003; Louro, 2004, Butler, 2007 [1990]). A defesa de uma “identidade”

sem essência, da descategorização, da ausência de rótulos, pode parecer contraditória frente ao título desta seção. Porém, as categorias com as quais as adolescentes se autoidentificam na tentativa de romper o binarismo de gênero imposto pela matriz heterossexual são aqui compreendidas como movimentos discursivos desafiadores dos destinos definidos para elas por tal matriz.

Se considerarmos o poder de inculcação dos discursos naturalizados sobre gênero e sexualidade, o ato de se expor em uma rede social autodenominando-se “bissexual” ou “lésbica” não pode ser desqualificado por indicar uma identificação com categorias. A questão se complexifica ao se incluir aí a questão do emprego dessas categorias como forma de autopredicação apenas no Twitter, devido ao fato de ali haver garantias de que a família não saberá sobre o que elas escrevem. Assim sendo, as categorias dissidentes em relação ao binarismo de gênero são aqui compreendidas como performances que abalam o *status quo* que parece orientar a compreensão norteadora sobre gênero e sexualidade dentro dos círculos familiares de muitas dessas meninas.

Com certa frequência as meninas se apresentam textualmente “bissexuais” ou “lésbicas/sapatão/sapatoná”, como se observa nos tuítes a seguir:

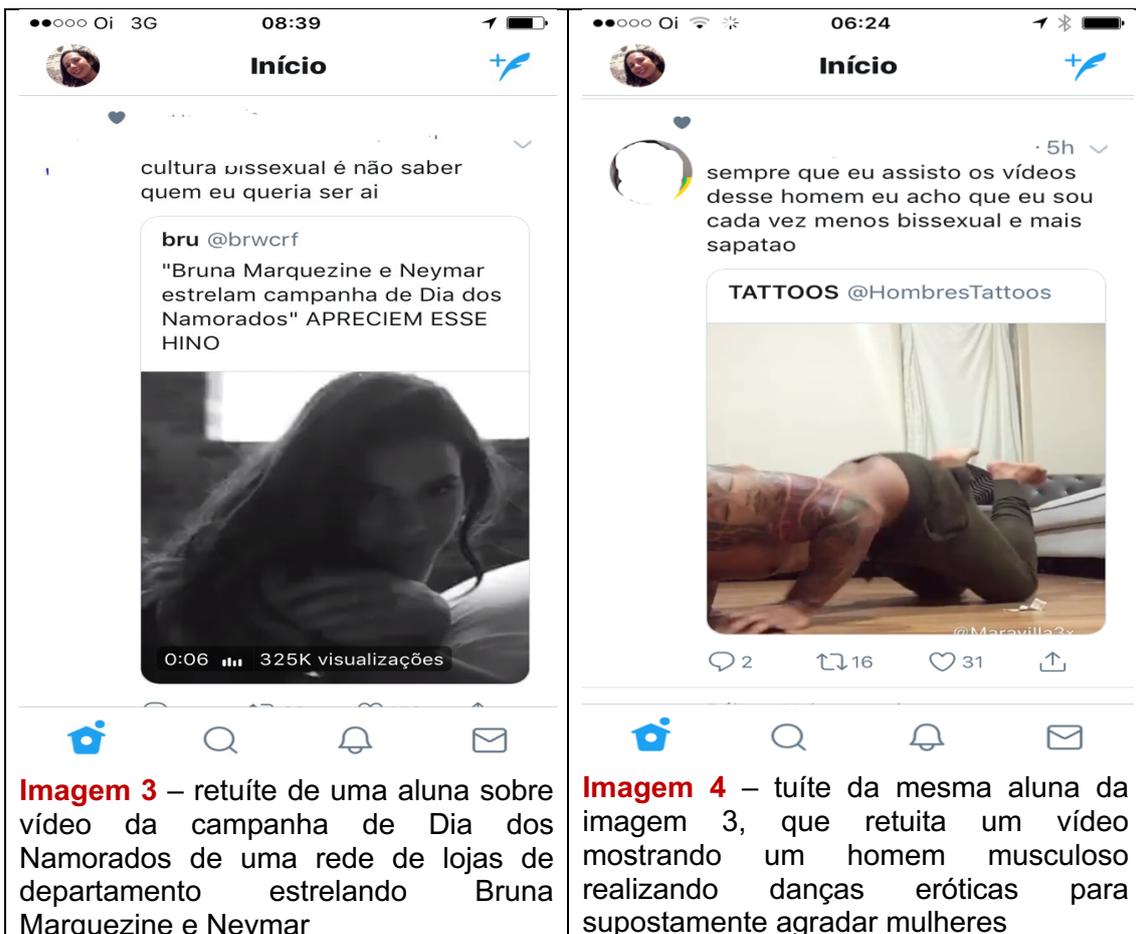


Imagem 3 – retuíte de uma aluna sobre vídeo da campanha de Dia dos Namorados de uma rede de lojas de departamento estrelando Bruna Marquezine e Neymar

Imagem 4 – tuíte da mesma aluna da imagem 3, que retuita um vídeo mostrando um homem musculoso realizando danças eróticas para supostamente agradar mulheres



Imagem 5 – tuíte de uma aluna convidando para mobilização na escola

Imagem 6 – tuíte de outra aluna indicando como se relaciona com a imagem retuitada

Fonte: Dados da pesquisadora

Optou-se aqui por apresentar telas printadas a partir do meu próprio Twitter, descaracterizando-se as imagens e nomes de perfil das meninas. Mostrar aqui as telas como aparecem para participantes da rede social favorece a análise multimodal. O emprego das categorias em foco pode ser considerado uma forma de resistência a categorias binárias impostas pela matriz heterossexual, pois não se espera de adolescentes dessa faixa etária (a maioria entre 15 e 17 anos) uma declaração tão explícita sobre sua sexualidade “desviante”.

A articulação multimodal nos tuítes reforça o rompimento com expectativas naturalizadas: na imagem 3, o vídeo mostra o casal em momento de intimidade, e a aluna declara que estaria confortável em qualquer um dos papéis ali encenados na propaganda, desmontando a obrigatoriedade do seu desejo sexual direcionado exclusivamente a corpos com a genitália distinta da sua. Na imagem 4, a mesma aluna apresenta um vídeo supostamente para um público-alvo de mulheres heterossexuais e o desqualifica como alvo de seu interesse, afastando-se novamente da normatização de corpos e afetos imposta pela aludida matriz. É importante atentar para o emprego textual das categorias dissidentes “bissexual” e “sapatão” nessas duas imagens apresentando tuítes da mesma autora.

Na imagem 6, a aluna faz uso de uma imagem onde estão mesclados alguns índices normativos ligados à heterossexualidade (cor rosa e boneca Barbie para meninas, caminhão para meninos) e os relaciona inusitadamente com os acontecimentos daquele momento no país, lançando mão da categoria desviante em seu texto de maneira explícita (“bissexualidade”). A mescla dos referidos índices na imagem corrobora a autodeclaração de sexualidade “mista”, reforçada pelo uso do pronome possessivo.

O símbolo LGBTQ+ do arco-íris, repetido e mesclado ao texto na imagem 5, em conjunto com a caixa alta empregada no início do tuíte, podem ser considerados elementos não-lineares que corroboram a mensagem desafiadora da norma heterossexual que se espera ser seguida por essas jovens, pois qualquer pessoa na rede social pode ler o que está ali, não somente as meninas convocadas. O termo “sapatonas” é posteriormente recontextualizado como “lésbicas” na menção ao nome oficial do grupo em tela, indicando como palavras ofensivas podem ganhar novos significados êmicos e empoderadores (Butler, 1997). O mesmo acontece a seguir:



Imagem 7

Fonte: Dados da pesquisadora

Na imagem 7, observa-se o tuíte de uma jovem questionando a propriedade de pessoas heterossexuais empregarem o termo “rebuceteio”³, êmico da comunidade lésbica. A palavra chula para falar sobre a genitália feminina ganha novos tons ao servir de radical para o neologismo lésbico. Porém, o que a autora do tuíte chama de “apropriação” do termo por pessoas de

³ Segundo o Dicionário Informal, *rebuceteio* significa “Corrente de relações em que lésbicas ficam umas com as outras.” (<https://www.dicionarioinformal.com.br/rebuceteio/> acessado em 14/07/2018)

fora da comunidade parece colocar a palavra de volta na sua função ofensiva às mulheres. Pode-se traçar um paralelo com o emprego de “sapatona” no tuíte da imagem 5, apresentado na condição de vocativo que conclama a comunidade a se mobilizar, porém podendo tornar-se ofensivo caso seja empregado por não participantes dessa comunidade.

Além do emprego de categorias “desviantes” do binarismo de gênero da matriz heterossexual, percebe-se com bastante frequência performances que poderiam ser consideradas típicas da masculinidade hegemônica. É possível encontrar adolescentes de 15, 16 anos declarando publicamente sua libido, falando sobre atos sexuais, empregando termos e atitudes tradicionalmente entendidos como “ofensivos”, conforme ilustram os tuítes que se seguem:



Fonte: Dados da pesquisadora

As imagens acima são tuítes de autoras diferentes, apenas duas delas foram seguramente identificadas como alunas, porém em todos os tuítes houve curtidas ou respostas de alunas, indicando que estão de algum modo se mostrando como participantes dessa prática discursiva. Subvertendo padrões da matriz heterossexual, essas jovens adentram terreno discursivo definido como masculino ao escrever/falar abertamente sobre práticas sexuais, empregando léxico autorizado (e até mesmo esperado) apenas para esse universo (“mama” – imagem 8, “fudendo” – imagem 10).

Na imagem 8, o emprego do já aludido léxico acontece numa recontextualização de outro tuíte. A autora ressignifica ironicamente o vocábulo “duro”, empregado no tuíte original no sentido de estar sem dinheiro. Sua retuitada empregando o modo imperativo e o verbo “mamar” no sentido de praticar sexo oral a colocam numa posição de aconselhadora sobre relacionamento (foco do tuíte original) e práticas sexuais (foco do seu próprio tuíte). Mas o que chama a atenção nesse tuíte é a quantidade de curtidas e retuitadas, boa parte deles de meninas, indicando que há concordância com a recontextualização apresentada ali. Ao curtir ou retuitar algo desse tipo, essas meninas performam um tipo de heterossexualidade desviante dos padrões no que concerne à discrição e ao recato, conforme discutido anteriormente.

A imagem 9 mostra uma aluna citando trecho da letra da música de um funk cantado por uma mulher. Para quem não conhece a canção, ela parece estar expondo um desejo sexual seu, o que já seria um movimento discursivo inusitado frente à matriz heterossexual. Entretanto, ao considerarmos que as mulheres ainda não têm lugar de destaque nesse meio musical, a autora do tuíte parece transgredir duplamente ao quebrar a expectativa sobre o que mulheres podem falar e ao mesmo tempo fazer isso por meio da voz de outra mulher oriunda de (mais) um universo onde mulheres são desprestigiadas.

No tuíte seguinte (imagem 10), observa-se o já mencionado emprego de um léxico que desmonta o “recato” esperado de mulheres (“fudendo”), porém o abalo à matriz heterossexual vai além. A autora do texto se apresenta como alguém que tem e declara abertamente impulsos sexuais, como um homem deveria fazer segundo tal matriz de inteligibilidade ao encenar sua masculinidade hegemônica. Segundo ela, as condições climáticas favoreceriam atos sexuais, mas ela não os está praticando, o que parece declarar com pesar. O tuíte da imagem 11, apesar de não trazer textualmente o léxico “masculino”, encena em imagens uma performance muito semelhante àquela da imagem anterior. A autora apresenta um “gif” (imagem curta que se repete) no qual há um homem e uma mulher durante o que parece um ato sexual. O homem rasga a roupa íntima da mulher, e o comentário da autora sobre a imagem a apresenta de modo similar à autora do tuíte da imagem 10: uma mulher que fala abertamente sobre suas práticas e impulsos sexuais (a compra de lingerie com a finalidade de

realizar atos sexuais), quebrando a expectativa definida para ela pela matriz heterossexual.

As questões colocadas anteriormente sobre o caráter privado de uma rede social que funciona para ser pública são reforçadas no tuíte apresentado na imagem 12. A autora vai para a internet contar algo que esconde de sua mãe, porém ela assim o faz possivelmente por conhecer o funcionamento dessa rede social e ter garantias de que seu segredo estará guardado. Para a família ela continua “bela, recatada e do lar”, mas longe de seus olhos ela pode ser “uma safadinha”. Toda a liberdade discursiva oferecida no twitter parece entrar em conflito com as restrições fora da rede, o que torna ainda mais subversivas as performances dessas meninas ali.

Na última imagem observa-se o tuíte de uma aluna, que posta uma imagem conhecida na internet como “meme”: uma imagem que é modificada com o objetivo de principalmente atingir efeito de humor. A quantidade imensa de curtidas e retuítes indica que ela faz parte dessa prática discursiva, pois não houve explicações para a imagem, ela apenas indicou que considerou engraçado (“KKKKKKIII MEU DEUS”), ao que muitxs participantes da rede social reagiram. O teor sexual do meme postado corrobora a disputa pelo terreno discursivo tipicamente masculino: há uma crença de que o consumo de abacaxi tornaria o sêmen adocicado, instigando a prática de sexo oral nos homens. Ao tuitar o meme, a aluna se apresenta “publicamente” como conhecedora dessa crença, encenando uma persona que estaria bastante familiarizada com tais questões ligadas a práticas sexuais. Mesmo sendo essas práticas autorizadas dentro da matriz heterossexual, já que o meme apresenta um homem e uma mulher conversando sobre o tópico, o comportamento não “recatado” da autora do tuíte, expondo esse conhecimento, faz com que sua performance abale os padrões esperados para as mulheres.

Os túites aqui apresentados são ilustrativos de uma prática discursiva que parece predominar na rede social Twitter: meninas e jovens mulheres falando abertamente sobre atos sexuais, sobre desejos por corpos pelos quais não deveriam se interessar, exibindo publicamente conhecimentos que não condizem com a versão “bela, recatada e do lar” imposta pela matriz heterossexual. Na linguagem empregada nesses posts, elas performam feminilidades que extrapolam o binarismo de gênero naturalizado, contestando discursivamente performances autorizadas apenas para homens.

Desafiar os destinos definidos pela biologia tem seu preço, como já mencionado anteriormente. No caso das práticas em tela, os efeitos da transgressão causariam impactos nas relações familiares, o que leva essas jovens a limitar suas performances dissidentes a uma rede social onde haveria garantia de sigilo para quem não deve conhecê-las. O que sobressai aqui é o modo de resistência a discursos naturalizados sobre gênero e sexualidade

proporcionado pela internet, que parece se desenhar como um lugar de (re)construir quem podemos ser.

5- Considerações finais

Sem esquecer de que ainda há muito o que avançar no que tange ao acesso igualitário às tecnologias da informação e comunicação, pode-se dizer que hoje elas atingiram um ponto em que não conseguimos mais imaginar nossas vidas urbanas sem elas, em especial no que tange às redes sociais. Muito mais do que vitrine de flashes das vidas de cada usuárix, essas redes se tornaram lugar de disputas, encontros, estudos, mobilização, política e resistência.

A pesquisa na internet precisou mudar na tentativa de acompanhar essa nova configuração proporcionada pela onipresença da rede (Hine, 2015). O online/offline deixaram de ter sentido como limites físicos, posto que não há mais distinção tempo-espacial entre o estar/não estar conectadx. Essa conexão perene apenas lançou luz no potencial do construto da performance: discurso e ação estão imbrincados e, portanto, não interessa se estou na ou fora da rede, se “realmente” faço o que digito ali na internet, importa muito mais como me mostro para as outras pessoas e quais relações estabeleço a partir dessa mostra pública.

Os modos generificados e sexualizados sublevados com que adolescentes se constroem no Twitter chamam a atenção pelas fissuras que causam no sólido discurso estabelecido pela matriz heterossexual. Seguindo a teorização aqui defendida, não interessa se essas meninas realmente agem fora da rede em consonância com o que encenam ali. Importa compreender as práticas discursivas em que se engajam naquele ambiente como mostra pública que parece indicar certo senso de pertencimento a uma comunidade de jovens mulheres que recusam os destinos sexuais a elas impostos. O fato de muitas dessas meninas performarem desses modos apenas numa rede social onde há garantia de que as famílias não terão acesso a tais personas “lésbicas, bissexuais, safadinhas, sapatonas” corrobora o entendimento dessas performances como uma disputa discursiva e política sobre corpos, desejos e afetos.

Para muitas pessoas, essas personas dissidentes podem ser apenas um desejo de chocar a tradição, algo típico da adolescência. Porém, entender os tuítes aqui discutidos como simplesmente uma forma de rebeldia contra adultxs parece subestimar o potencial insurreto dessa prática discursiva, especialmente se considerarmos que as meninas mantêm essas personas apenas no Twitter. Ao desafiar ali o destino que a matriz heterossexual determinou, elas se apropriam de categorias e comportamentos abjetos dentro dessa matriz num movimento de ressignificá-los e reconstruirmos quem podem ser.

A linguagem é o terreno onde ocorre o embate entre as performances dessas adolescentes e a matriz heterossexual, o que justifica a discussão aqui empreendida como objeto de estudo da linguística queer. Lançar luz para os modos discursivos de contestação dos padrões de gênero e sexuais esperados favorece a compreensão da dimensão biopolítica de tais normatizações estabelecidas por repetição de discursos. O lugar social de mulheres dentro dessas normatizações é marginal, e a imposição de comportamentos sexuais corrobora essa posição. Resistir a eles e assumir comportamentos inusitados é uma forma de resistência política.

Mesmo com o recrudescimento reacionário incitado pela maior visibilidade dada ao diverso pela internet, sempre há a possibilidade de contestação e resistência. Não se pode negar que a mesma liberdade encontrada para encenar performances dissidentes é entendida por reacionárixs como salvo-conduto para fomentar discursos de ódio impunemente. Entretanto, contrariando certa visão sombria sobre o que a tecnologia faria conosco, práticas sublevadas como as que aqui se apresentam nos indicam que a internet, e em especial as redes que escolhemos tecer dentro das chamadas “redes sociais”, pode ser um lugar onde haveria alguma esperança para redesenhar futuros e redefinir quem somos. E ousar desenhar outros futuros possíveis deve ser a motivação de qualquer pesquisa, realizada na internet ou não.

Referências

- BORBA, R. (2015) Linguística queer: uma perspectiva pós-identitária para os estudos da linguagem. Revista Entrelinhas – Vol. 9, n. 1 (jan./jun.)
- BUTLER, J. (1997) *Excitable speech: a politics of the performative*. Nova Iorque: Routledge.
- (2007 [1990]) *Gender Trouble*. Londres: Routledge.
- (2009) *Frames of War. When is life grievable?* Nova Iorque: Verso.
- DA SILVA ESPÍNDOLA, H. (2017) Quem pode "dar um rolê" no shopping? - a performatividade das falas do rolezinho na cidade do Rio de Janeiro. Tese de doutorado defendida no Programa Interdisciplinar de Linguística Aplicada da Faculdade de Letras da UFRJ.
- GUIMARÃES, T. F. (2014) Embates entre Performances Corpóreo-Discursivas em trajetórias textuais: uma etnografia multissituada. Tese de Doutorado defendida no Programa Interdisciplinar de Linguística Aplicada da Faculdade de Letras da UFRJ.
- HINE, C. (2015) *Etnography for the internet: Embedded, embodied, everyday*. Londres: Bloomsbury Academic.
- JAGOSE, A.M. (1996). Queer. In: ---. *Queer Theory: an introduction*. Nova Iorque: New York University Press. pp. 72-100.
- LOURO, G. L. (2004). *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica.

- MOITA LOPES, L. P. da (2006a) Queering Literacy Teaching: Analyzing Gay-Themed Discourses in a Fifth-Grade Class in Brazil. In: *Journal of Language, Identity, and Education*. 5(1), pp. 32-50. Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- (2006b) On being white, heterosexual and male in a Brazilian school: multiple positionings in oral narratives. In: DE FINNA, A.; SHIFFRIN, D.; BAMBERG, M. (eds.) *Discourse and Identity*. Cambridge: Cambridge University Press. pp. 288-313.
- (2006c) “Falta homem até para homem”: a construção da masculinidade hegemônica no discurso midiático. In: HERBELE, V. M.; OSTERMANN, A. C.; FIGUEIREDO, D. de C. (orgs.) *Linguagem e gênero no trabalho, na mídia e em outros contextos*. Florianópolis: Editora da UFSC. pp. 131-157.
- (2008) Gêneros e sexualidades nas práticas discursivas contemporâneas: desafios em tempos *queer* In: SILVA, A. de P. D. da. (org.) *Identidades de Gênero e práticas discursivas*. Campina Grande: EDUEP. pp. 13-19.
- (2009) Linguística Aplicada como lugar de construir verdades contingentes: sexualidades, ética e política. *Revista Gragoatá*. Niterói, n. 27, p. 33-50, sem. 2009.
- PENNYCOOK, A. (2007) *Global Englishes and Transcultural Flows*. Nova Iorque: Routledge.
- SILVA, J. P. de L.; Silveira, E. L.; Costa, L. C. S. (2016). A teoria *Queer* e os muros da escola: tessituras entre práticas e (des)normalizações. *Textura*, v. 18 n.38, set./dez.
- SULLIVAN, N. (2003). *A critical introduction to queer theory*. Nova Iorque: New York University Press.